

Ainda somos o país do futuro?

» JAIME PINSKY

Historiador, professor titular da Unicamp, doutor e livre docente da Universidade de São Paulo (USP)

A campanha política está em pleno andamento. É verdade que nenhum candidato a candidato, ou mesmo candidato assumido apresentou, por enquanto, qualquer projeto consistente sobre as questões centrais do país. Pena. Elas precisam ser abordadas com seriedade. E, para evitar enganos, deixo claro que as questões centrais não são simplesmente as urgentes, mas as importantes, aquelas que, devidamente resolvidas, poderiam nos transportar ao almejado e cada vez mais distante patamar em que deveríamos chegar, o de nação desenvolvida, socialmente justa. Queremos que nosso Brasil volte a ser um lar ambicionado por gente do mundo todo, não apenas por refugiados.

Para quem tem alguma memória, valeria a pena se lembrar de alguns pontos fundamentais, superficialmente tocados na última campanha presidencial: educação pública laica, universal e de qualidade, de modo a propiciar igualdade de oportunidades reais, não apenas nominais; habitação, água e esgoto para todos; sistema de transporte de qualidade (inclusive ferrovias, hidrovias e cabotagem); fatura de alimentos para seres humanos, não apenas para gado e galinhas; qualificação da mão de obra, para que possa haver mais empregos e mais empresas de bom nível; manutenção e expansão da rede pública de saúde; preocupação com o esporte como atividade voltada para a saúde, não apenas para a competição; controle sobre a usura praticada fora e dentro da lei; sistema de justiça democrático, desde o julgamento até o encarceramento. Embora tocados por alguns candidatos nas últimas eleições presidenciais — muito superficialmente, para dizer a verdade —, esses temas e vários outros foram debatidos com alguma seriedade em órgãos de imprensa e com

real profundidade em livros.

Uma das obras mais sérias, com propostas concretas em diferentes áreas, da economia ao esporte, da educação à agricultura, passando por ciência e tecnologia, saúde, segurança pública e meio ambiente, foi *Brasil, o futuro que queremos*. Embora suspeito por ter organizado a obra, estou à vontade para falar de um trabalho que não escrevi. Apenas estruturei, lancei perguntas, fiz observações, padronizei o material e redigi uma introdução. O conteúdo coube a especialistas, de diferentes correntes e cores políticas, gente aberta, articulada, capaz de juntar o saber com a prática. Brincando, eu chamava o grupo de “meu ministério”.

Seria um desperdício não aproveitar muitas das ideias e sugestões apresentadas nesse livro como tema para discutir nosso país, por ocasião da próxima campanha presidencial. Notícias na TV, nos rádios e nos jornais têm ido pouco além da divulgação de pesquisas eleitorais (que não ajudam a compreender o país), quando não ficam exibindo manobras realizadas por supostos políticos “hábeis”. É pouco, muito pouco. Precisamos mesmo é discutir os problemas brasileiros. Não é uma competição para ver quem é o mais esperto, mas o mais preparado. Ou estou equivocado?

A percepção que as pessoas têm de quanto o Brasil é injusto é algo muito sério, pois não se pode tecer um país unido com a desigualdade

social vigente. A desigualdade favorece a existência de arrogantes de um lado e dissimulados de outro. Um jovem advogado, muito idealista ainda, me dizia que, no Brasil, todos são iguais perante a letra da lei, mas não perante o espírito da lei. Na prática, o poderoso, quando prevarica, é bem defendido, muito bem defendido, defendido com tudo que a lei permite e, às vezes, até um pouco além disso. Quem não pode vai para a cadeia, sofre dias, meses, anos e, se sobrevive às prisões brasileiras, não terá muita chance de se recuperar. E esse sistema, vamos ser claros, não é acidental, é estrutural. Ele reflete a concepção que temos de um Estado que é de todos, mas não é para todos. É de todos que pagam o aumento no custo dos alimentos, do transporte, do material escolar, das roupas vindas da China e do Vietnã.

O Brasil é um país em que o desemprego é gigantesco, porém, aonde quer que se vá, vai se ouvir patrões dizendo que têm vagas em aberto por falta de mão de obra qualificada. É um país que acha que todo mundo, para ser cidadão, precisa ter facilidade, e, para isso, aprova o funcionamento de pseudouniversidades, verdadeiras Unidrogas e Unigranas, que ainda são beneficiadas com empréstimos feitos aos alunos para eles pagarem a anuidade... Em troca, exigem muito pouco do aluno. A preocupação não é preparar gente, é fornecer um diploma para os pagantes. Diploma, que por seu turno, não servirá para nada.

O Brasil tem solução? Teoricamente tem. Até países na Ásia Oriental, no Oriente Médio (com solo desértico e sem petróleo), no sul do Pacífico consolidaram-se como democracias pujantes e sociedades equilibradas. Não há motivos geográficos ou históricos que nos condenem a ser, para sempre, o país do futuro que passou. O futuro que queremos é outro.



G O M E Z

O papel do continente americano perante a crise alimentar mundial

» MANUEL OTERO

Diretor-geral do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA)

Uma violenta confluência de crises de grandes dimensões sem fim à vista coloca o mundo em tensão. É a convergência simultânea dos piores fatores possíveis: uma pandemia, a desestruturação das cadeias de logística, secas extremas e vulnerabilidade climática generalizada. Além de tudo isso, um conflito bélico, que envolve dois atores relevantes em termos de produção e comércio agroalimentar e energético, altera os mercados e destrói a infraestrutura produtiva.

O contexto tem o potencial de esconder outros “cisnes negros” de diversos tipos e profundidades disruptivas e coloca em destaque os sistemas agroalimentares do continente americano, principal região exportadora líquida de alimentos e âncora fundamental da sustentabilidade ambiental e da biodiversidade do mundo, além de um relevante fornecedor de energia e minerais no âmbito global.

A intensificação dessas tensões afeta os frágeis equilíbrios da segurança alimentar, nutricional e ambiental do planeta, minando suas bases, enquanto nos países se intensifica uma preocupação permanente sobre outra equação sensível: proporcionar à população alimentos a preços acessíveis e, ao mesmo tempo, assegurar níveis mínimos de rentabilidade para os agricultores.

A América Latina e o Caribe são as regiões exportadoras líquidas de alimentos mais importante do mundo. Ao incluir a América do Norte, quase um terço dos alimentos produzidos e consumidos no planeta provém das Américas.

Mas essa visão agregada esconde realidades contrastantes de um continente heterogêneo, em que convivem grandes exportadores (principalmente os países do Mercosul) com importadores líquidos de alimentos, possui uma cesta exportadora com valor agregado relativo e um baixo nível de comércio interno (14%), em comparação ao registrado na América do Norte (46%) e na União Europeia (65%).

A pandemia nos fez retroceder quase duas décadas em termos sociais. A pobreza e a extrema pobreza aumentaram, junto com a insegurança alimentar, e as débeis previsões de expansão econômica geram preocupação sobre a possibilidade de uma nova década perdida em termos de desenvolvimento.

A guerra soma pressão e atinge exportações pontuais de países como Equador, Colômbia, Paraguai e Uruguai, que têm exposição significativa ao mercado russo em produtos como banana, carne bovina e laticínios. Os aumentos nos preços das matérias-primas alimentares representam um duro golpe para países em que prevalece a subnutrição, como o Haiti, e para as nações do Triângulo Norte centro-americano, além de Granada, Venezuela, Bolívia, Nicarágua e Santa Lúcia.

O aumento nos preços da energia tem, além disso, aspectos multiplicadores nos custos dos insumos, produtos e serviços ao longo de todas as cadeias agroalimentares, pois Rússia e Belarus — afetados por sanções comerciais — são tradicionalmente grandes fornecedores de fertilizantes a

base de nitrogênio, fósforo e potássio.

Pela posição regional de âncora fundamental da segurança alimentar e nutricional do planeta e pilar da sustentabilidade ambiental e da biodiversidade, as crises concomitantes exigem focar esforços nas populações vulneráveis e facilitar, de forma urgente e sustentada, o intercâmbio comercial intrarregional e internacional, promovendo uma verdadeira parceria que promova o comércio agropecuário na América Latina e no Caribe.

Trata-se de unir esforços entre os países e fortalecer as instâncias de coordenação de políticas setoriais, favorecendo a ação coletiva em benefício de todos.

Paralelamente, e atendendo estrategicamente às necessidades de curto e médio prazos, mostra-se imprescindível um grande esforço articulado em termos de ciência, tecnologia e inovação, com o quadro correspondente de políticas públicas e investimentos, com objetivos ambiciosos e estruturantes: que nossos sistemas agroalimentares utilizem os recursos naturais da maneira mais eficiente, gerem empregos dignos com inclusão social, proporcionem dietas saudáveis e sejam sustentáveis sob o ponto de vista ambiental.

O conflito bélico não fez nada além de reafirmar que a segurança alimentar está no topo das preocupações do planeta, e que o continente americano reforça a sua validade e liderança como avalista do fornecimento de alimentos saudáveis e abundantes em escala global.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Ludopédio de várzea

Não seria exagero algum, encontrar como pano de fundo para a grande maioria dos principais problemas nacionais, a questão da corrupção. Com isso, poderia ficar absolutamente aceito que a corrupção está na raiz de problemas que vão desde a pobreza e a persistência de um subdesenvolvimento crônico, que afeta a todos os cidadãos, atingindo seu ápice na desestruturação do próprio Estado, por meio da falência da ética pública e da perda de credibilidade das instituições e dos Poderes.

Nessa larga ficha de prejuízos, trazidos pelo fenômeno maligno da corrupção, a desestabilizar o edifício do Estado e fazendo ruir seus alicerces, as crises políticas e cíclicas são ameaças permanentes. Com isso, surgem, do nada, ameaças de golpes e de retrocessos institucionais, criando um ambiente e instabilidade geral, propício para o surgimento de aventureiros políticos e outros embusteiros de ocasião.

Na sociedade, os reflexos dessas anomalias, vindas de cima, são vistas na forma de miséria humana e urbana, violência e degradação das cidades e do meio rural. Roubam de tudo, de peças de hidrantes, fios, tampa de bueiro a milhões de reais dos cofres na nação. Nada mais parecido com o inferno. O mais surpreendente é que, num cenário distópico como este, em meio aos escombros que vão se erguendo pelo país, a população, orientada, por seus próprios algozes, volta as costas a um candidato que ousa tratar do tema do combate à corrupção, não apenas com promessas de planos, mas com feitos pretéritos que comprovaram seu compromisso com essa questão e que, até pouco tempo atrás, chamava a atenção dos brasileiros e de todo o mundo para esses feitos históricos.

Eis aqui uma questão que intriga a muitos: por que a população não tem aderido ao chamado e ao apelo político de combate à corrupção? Seria a lógica natural, que daria início ao fim de um pesadelo que se arrasta por séculos? Mas o que é a lógica para uma nação absorvida por um cotidiano de sobrevivência selvagem?

Por sua qualidade de neófito no emaranhado e sujo mundo da política nacional, o ex-juiz e atual postulante à presidência da República, Sergio Moro parece ter caído numa armadilha. Moro se vê hoje como numa pelada de periferia, onde sem regras claras, corre de um lado para o outro. Não como jogador e com chances de fazer gols, mas como sendo a própria bola do jogo, chutado por todos os lados e cujo destino lhe foge por completo.

Para piorar uma situação que, em si, é dramática, o ex-juiz observa que dos dois lados do campo, seus adversários estão unidos no afã de chutar-lhe para escanteio. É nesse ambiente do ludopédio que tanto a população quanto os juizes a distância torcem para os dois lados, indiferentes ao destino da bola. É essa a pré-campanha que temos: uma pelada de várzea.

» A frase que foi pronunciada

“O caráter, assim como a fotografia, se revela na escuridão.”

Yousuf Karsh

De olho

» Sempre atentos às riquezas brasileiras, principalmente da região Amazônica, os deputados alemães se manifestam sobre projetos que tramitam no Congresso brasileiro. Melhor teria sido cuidar das próprias florestas.

Dúvidas

» Fake News e atos antidemocráticos. Aparentemente essa é a pauta para a chamada do ministro Alexandre de Moraes ao Senado. Corajoso, o senador Girão colheu as assinaturas suficientes para votar o requerimento de convocação do ministro do STF. “Nós já conseguimos as assinaturas para ouvir o ministro do STF Alexandre de Moraes sobre esse inquérito, em que a vítima é a mesma que julga e a mesma que manda prender. Inclusive, a PGR (Procuradoria-Geral da República) tinha solicitado o arquivamento dessa investigação”, diz Girão em entrevista a *Ceará Agora*.

Renovada

» Por falar em reunião, o senador Paulo Paim realizou uma audiência pública na Comissão de Direitos Humanos sobre a estrutura do INSS que, a cada dia, acumula mais atendimentos para aposentadoria, saúde-doença, entre outros. São mais de 2 milhões de processos entancados. Quase a metade da força de trabalho foi perdida e as metas são cobradas sem as condições necessárias. O resultado foi o encaminhamento ao Poder Executivo de sugestão para a capacitação dos servidores, novo concurso público e aumento salarial.

» História de Brasília

As notas taquigráficas dão conta, também, de um aparte do sr. Hermes Lima, no qual dizia o chefe da Casa Civil: “Foram os serviços, ficaram os funcionários. Não é isso?” A resposta não me lembro ao pé da letra, mas o sr. José Pereira Caldas dizia claramente porque o Ministério da Fazenda não está todo em Brasília. (Publicada em 22/2/1962)